

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO, DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

VALQUIRIA DIAS DE SOUZA

PASSADO DESVELADO, FUTURO DE OPORTUNIDADES

NATAL/RN

2015

VALQUIRIA DIAS DE SOUZA

PASSADO DESVELADO, FUTURO DE OPORTUNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso –
Memorial de Formação – apresentado
ao Instituto de Educação Superior
Presidente Kennedy – IFESP, como
requisito parcial Para obtenção do título
de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Denilton Silveira de Oliveira

NATAL / RN

2015

VALQUIRIA DIAS DE SOUZA

PASSADO DESVELADO, FUTURO DE OPORTUNIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso –
Memorial de Formação –
apresentado ao Instituto de
Educação Superior Presidente
Kennedy, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em
Pedagogia, analisado e aprovado
pela Banca Examinadora Formada
pelos professores:

Profª Formadora M^a. Neide Medeiros Maciel - IFESP

Profª Formadora Esp. Maria Suely Rocha Rodrigues. IFESP

Profº Orientador Esp. Denilton Silveira de Oliveira - IFESP

Natal, 03 de setembro de 2015.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me deu forças para seguir em frente diante de muitas dificuldades, e em memória ao meu pai Francisco Olavo de Souza, um homem corajoso e amigo que sempre me incentivou nesta longa caminhada, motivo maior da minha luta, é o maior troféu de toda as minhas vitórias.

AGRADECIMENTOS:

A Deus, pela porta que ele me abriu, proporcionando-me a realização deste curso.

À minha família, pelo apoio a mim dedicado durante esta trajetória acadêmica; em especial ao meu esposo Diógenes que me deu todo o apoio e reconhecimento possível.

Ao meu pai, Francisco Olavo de Souza (IN MEMORIAN) que, se tivesse vivo, teria me ajudado muito na construção desse memorial.

Aos professores formadores do curso de Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, pela formação e transformação que proporcionaram a minha vida pessoal e profissional.

Ao Professor Orientador Denilton Silveira de Oliveira, pelas importantes orientações e co-responsabilidade na elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos do curso de Pedagogia, Cleber, Jouze, e Leila, pela troca de conhecimentos e pela amizade que construímos ao longo dessa trajetória.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

RESUMO

Este Memorial de formação aborda pontos relevantes da trajetória de minha vida estudantil, profissional e acadêmica. Elaborá-lo foi um exercício de reconstrução de minha própria existência, recriando um autorretrato crítico, visto por múltiplas facetas através dos tempos e isso não é uma tarefa fácil. Sendo assim, ao elaborar este memorial levei em conta a crítica e autocrítica do desempenho acadêmico ao longo da minha trajetória. Neste ensejo procurei destacar os elementos que, marcados por quebras de paradigmas, por coerências e incoerências, e por meio das relações estabelecidas com o mundo, possibilitaram a construção de minha trajetória acadêmica que envolve o pessoal e o profissional. O desafio proposto é resgatar fragmentos das experiências passadas, conscientes e “inconscientes”, que deram vida a este Memorial de Trajetória Acadêmica e às transformações percebidas no decorrer dessas experiências. Procurei destacar, ainda, os elementos marcantes, e que por meio das relações estabelecidas com o mundo, possibilitaram a construção de minha vida profissional. Além de considerar este memorial auto-avaliativo, acredito que ele acaba se tornando um instrumento confessional de meus sonhos.

Palavras chaves: Construção. Dificuldades. Experiências. Valores. Vida.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PRÉ-ESCOLA: PRIMEIROS PASSOS DA LONGA CAMINHADA.....	11
3 ENSINO DE 1º GRAU: (1ª A 4ª Série): O DESAFIO CONTINUA.....	14
4 ENSINO DE 1º GRAU: (5ª A 8ª Serie): UMA BATALHA, VARIAS CONQUISTAS.....	18
5 ENSINO MÉDIO: EM BUSCA DA MATURIDADE	22
6 EXPERIENCIAS PROFISSIONAIS: NOVAS DESCOBERTAS.....	23
7 FORMAÇÃO ACADEMICA: O DESAFIO DO ENSINO SUPERIOR	25
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS:.....	30

1 INTRODUÇÃO

Escrever esse memorial de formação, tem sido um desafio porque me trouxe à memória momentos da minha vida que estavam adormecidos e, ao mesmo tempo, tem representado uma oportunidade valorosa de resgatar lições preciosas, princípios e valores fizeram de mim o que sou e que certamente me ajudarão no percurso que esses aprendizados se projeta adiante, na medida em que, agora, posso antever novos caminhos e possibilidades. Por isso a escolha do título proposto.

Com este trabalho pude, ainda, refletir, reorganizar, reelaborar e sistematizar apropriações conceituais, teóricas e práticas adquiridas ao longo do processo de formação no Curso de Pedagogia – Licenciatura, que o Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP.

Este curso me proporcionou, o que representou uma nova oportunidade de aprendizagem e de crescimento intelectual e profissional, tornando-me mais segura e mais preparada para atuar de forma consciente como docente, contribuindo para melhorar a formação de todos os meus alunos.

Saliento que todas as etapas foram vivenciadas com muito otimismo; acreditando que quando há dedicação, o resultado almejado é encontrado e, a realização pessoal alcança seu nível de maturidade na vida.

Foi com esta percepção de descoberta e de conquista que elaborei este memorial, levando em conta a crítica e autocrítica das minhas experiências de formação até este momento. Neste ensejo procurei destacar os elementos que foram mais marcantes neste processo, refletindo sobre as dificuldades e alegrias vividas através das relações que foram sendo construídas e que constitui minha história pessoal e profissional. Ao fazer isto este trabalho representou uma oportunidade de auto avaliação, constituindo-se em um instrumento confessional de meus sonhos.

Assim, seguindo estas palavras introdutórias, que constitui o primeiro capítulo deste memorial, passei a relatar aquilo que foi possível resgatar das minhas memórias vividas no período de minha Pré-Escola, registrando ali os primeiros passos desta feliz jornada. No capítulo seguinte, o terceiro, busquei registrar os desafios continuados que marcaram meu segundo momento de formação que aconteceu durante o Ensino de Primeiro grau de primeira a

quarta séries. No quarto capítulo descrevo a batalha seguida das muitas conquistas vividas durante a segunda fase do Ensino de Primeiro Grau, agora da quinta a oitava séries. No quinto capítulo registro algumas poucas passagens que marcaram minha trajetória pelo Ensino Médio, período de amadurecimento pessoal.

No sexto capítulo narro minhas vivências profissionais, os acontecimentos mais relevantes dessas vivências e que produziram novas e importantes descobertas, pois a teoria sem a prática é inútil. No sétimo capítulo me dediquei à análise das importantes contribuições do Curso de Pedagogia – Licenciatura, durante o período de formação acadêmica vivenciado no IFESP, que não foram alcançadas sem lutas e grandes desafios.

Finalizo, então, este memorial considerando o que estas conquistas representam hoje para mim e o quanto elas me motivam a continuar nesta busca permanente de novos saberes.

2 PRÉ-ESCOLA: PRIMEIROS PASSOS DA LONGA CAMINHADA

Tudo começou na Cidade de Lages do Cabugi, interior do Rio Grande do Norte, em 1977, como fruto do relacionamento de Francisco Olavo de Souza, meu pai e Valdeci Dias de Souza, minha mãe.

Meu pai e minha mãe estudaram até o primário como se chamava naquela época. Por falta de oportunidade, meu pai teve que trabalhar para prover nosso sustento, por isso ele não pôde concluir os seus estudos. Já minha mãe tinha que cuidar da casa e das quatro filhas. Mas, apesar das condições humildes nas quais fomos criados, nossos pais tiveram o cuidado de nos matricular na escola.

Como resultado dessa dedicação e zelo, meus pais construíram as bases, os fundamentos que sustentaram e, ainda sustentam todas as conquistas que eu e minhas irmãs tivemos oportunidade de vivenciar.

Consegui concluir uma graduação, tenho uma irmã pós-graduada em Psicopedagoga e outra cursando Recursos Humanos. Todas estas conquistas devemos à atenção e cuidado que nossos pais tiveram conosco.

Com os ensinamentos dos meus pais, guardo os bons valores aprendidos; os mesmos que tenho podido transmitir, como herança, à minha filha. Hoje, já inserida no mercado de trabalho e cursando graduação em Design gráfico. Sou muito grata a Deus por meu pai e agradeço (in memoriam) seus exemplos, que foram tão importantes para nossa família.

Fato é que nem sempre a Educação Brasileira buscou atender às crianças de 0 a 6 anos. A compreensão da necessidade do atendimento às crianças nesta faixa etária pelo sistema educacional público brasileiro tem início com a Constituição Federal de 1988¹, com o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990², mas é a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação

¹ A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, promulgada em 5 de outubro de 1988, é a lei fundamental e suprema do Brasil, servindo de parâmetro de validade a todas as demais espécies normativas, situando-se no topo do ordenamento jurídico. Acessado em: 29/08/2015. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Constituição_Federal_de_1988

² É o conjunto de normas do ordenamento jurídico brasileiro que tem como objetivo a proteção integral da criança e do adolescente, aplicando medidas e expedindo encaminhamentos para o juiz. É o marco legal e regulatório dos direitos humanos de crianças e adolescentes. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_da_Crian%C3%A7a_e_do_Adolescente. Acessado em: 28/08/2015.

Nacional nº 9.394/1996, que o Governo Brasileiro passou a ter um novo olhar para este nível de ensino, reconhecendo o fato de que a educação escolar e sistemática precisa começar nos primeiros anos de vida e é essencial para o cumprimento de sua finalidade, como afirma Brasil (1996) no Art. 22 da LDB: “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores”.

Hoje as crianças entram cedo na escola e passam pela educação infantil na qual se trabalha fundamentalmente sua autonomia e se estimula a criança em suas descobertas.

Na minha época, entretanto, a estrutura familiar funcionava de maneira muito diferente; enquanto o pai saía para trabalhar, a mãe ficava em casa cuidando da educação dos filhos.

Com o estudo da disciplina Psicologia da Educação I, eu pude entender que essa tradição foi quebrada com a ascensão da mulher ao trabalho profissional. A atenção dada aos filhos passou a ser menor, e estes passaram a ficar em creches ou escolas infantis, ou em frente a uma televisão por longos períodos, ou usando produtos tecnológicos como: o computador, videogame, celular ou tablete. Não que eu seja contra que a mulher trabalhe fora, de forma alguma, o meu pensamento é voltado para a falta de relacionamento dos pais com seus filhos, que influi bastante na formação emocional da criança.

Segundo Pestalozzi³ (2008, pag. 41), o “amor deflagra o processo de auto avaliação”; e a capacidade que as pessoas deve ter de lidar com os sentimentos, os quais muitas vezes determinam o sucesso ou o fracasso de uma criança.

Iniciei os meus estudos no ano de 1984, na Pré-Escola. Comecei com seis anos de idade. Foi uma fase de adaptação na qual brinquei e me diverti muito.

A brincadeira infantil é uma assimilação quase pura do real ao eu, não tenho nenhuma finalidade adaptativa. A criança pequena sente constantemente necessidade de adaptar-se ao mundo social dos adultos, cujos interesses e regras ainda lhes

³ JOHANN HEIRICH PESTALOZZI (1746 a † 1827) – Suíço. Educador. Pai da Pedagogia Moderna. Propõe maior afetividade na relação ensino e aprendizagem. Acessado em: 28/08/2015. Disponível em: <http://www.baguete.com.br/colunistas/colunas/824/claudio-de-musacchio/15/08/2011/a-ti-na-mao-da-educacao>

são estranhos, e a uma infinidade de objetos, acontecimentos e relações que ela ainda não compreende. (FONTANA,1997 Pag.120).

As brincadeiras eram de roda com músicas. A professora passava muitos desenhos para colorir, e atividades de cobrir as letras e os números através dos pontinhos, trabalhando a nossa coordenação motora.

Hoje percebo que não havia uma consciência clara, por parte de minha professora, dos aspectos educativos envolvidos nas atividades propostas. Mesmo assim o processo de alfabetização escolar, praticado na época, não era de todo inócuo. Apesar de seus pontos negativos, uma vez que o ensino das primeiras letras era quase todo baseado no uso da cartilha escolar e por um métodos tradicional e conservador de alfabetização, haviam pontos positivos também, já que nos permitia ter acesso ao universo das letras, dos números e ao domínio do processo de construção das palavras.

No meu processo de alfabetização eu fiz muito o uso da cartilha, através dela, eu aprendi os sons das letras e das sílabas, e a formação de palavras. Este modelo está inserido entre os que constituem os métodos de marcha sintética (soletração, fônico e de sílabação alfabética); na época a cartilha era uma ferramenta muito importante e recomendada pelos professores para dever de casa, e muito presente em uma aula de reforço.

Recordo-me da disciplina alfabetização e letramento, através dela eu pude voltar à minha infância e lembrar o meu período de alfabetização, a forma que eu codificava e decodificava os textos. Para muitos esses métodos foram traumatizantes, mas para mim foram muito importantes porque foi através deles que adquiri o domínio da leitura e da escrita.

Assim iniciei meus primeiros passos nesta empolgante e desafiadora jornada que me permitiu chegar a este momento tão especial de minha vida. A estes seguiram-se outros passos, que narro a seguir.

3 ENSINO DE 1º GRAU: (1ª A 4ª Série): O DESAFIO CONTINUA

Em 1986, iniciei primeira série, eu gostava muito da minha professora, porque ela era dedicada com as crianças e se relacionava muito bem com a turma, nós sentávamos em mesinhas, ela trazia livros e contava histórias, seu método de alfabetizar era relacionado às letras e sons das palavras (conforme os métodos de marcha sintética, fônicos e silabação já descritos), associadas com os desenhos a elas correspondentes; dessa forma ela conseguia alcançar seus objetivos. Eu, bem como as demais crianças, carinhosamente a chamávamos de tia, embora Paulo Freire sugira clara distinção e esclarece que o termo mais apropriado para esse tratamento seja professora e não tia; pois

Professora, porém, é professora. Tia é tia. É possível ser tia sem amar os sobrinhos, sem gostar sequer de ser tia, mas não é possível ser professora sem amar os alunos – mesmo que amar, só, não baste – e sem gostar do que se faz. É mais fácil, porém, sendo professora, dizer que não gosta de ensinar, do que sendo tia, dizer que não gosta de ser tia. Reduzir a professora a tia joga um pouco com esse temor embutido – o de tia recusar ser tia. (FREIRE, 1997 pag.18)

Querer ser chamada de tia, ou continuar a ser, segundo Paulo Freire não é o fundamental, mas sim o processo de ensinar, que implica o de educar, e vice-versa, envolvendo a “paixão de conhecer”, que é o que realmente importa, numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Ser professora é assumir esse papel; é, portanto, mais do que ser uma simples tia, é requer cuidar e educar formando cidadão de forma ética, para que cada indivíduo possa assumir seu papel perante a sociedade, baseado nos seus valores morais e assim poder construir a sua história.

Divertia-me muito nas aulas. Todas as atividades eram realizadas dentro da sala de aula. Nós não saíamos para o pátio, não sei por que motivo, até o lanche (merenda) era servido na sala; entretanto, mesmo em sala, brincávamos muito entre nós mesmos e com a professora que participava ativamente de todas as atividades. Segundo Kishimoto (2010) o brincar interativo com a professora é essencial para o conhecimento do mundo social e para dar maior riqueza, complexidade e qualidade às brincadeiras. Isso nós fazíamos muito e era muito bom.

Lembro-me perfeitamente dos desenhos que ela nos mandava pintar. Guardo na memória, também, o cheiro forte de álcool nas folhas de papel das atividades mimeografadas.

Quanto à avaliação, esta era feita, através da observação de todas as nossas participações em sala, inclusive de nossa interação com os colegas nas brincadeiras que realizávamos. Além da avaliação formativa, caracterizada pela observação contínua de nossa participação nas atividades promovidas em sala, participávamos, também, de momentos de avaliação somativa, quando éramos submetidos a provas e testes diagnósticos.

A avaliação deve ser baseada na observação sistemática dos comportamentos de cada criança, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano, com utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.), feita ao longo do período em muitos e diversificados momentos.
(OLIVEIRA, 2010. pag.13).

Esta avaliação contínua e individualizada, que envolve o comportamento da criança em seu conjunto, suas participações nas tarefas e atividades lúdicas desenvolvidas em sala, tem conduzido minha prática pedagógica em sala de aula, com as diversas turmas de alunos com que tenho trabalhado.

Em 1987 na segunda série, recordo-me da professora. Muito atenciosa e afetiva com os seus alunos, esta professora cativou e deixou marcas profundas em minha vida. Foi com ela que eu me alfabetizei, conseguindo aprender os rudimentos da leitura e da escrita. Os sentimentos tinham o poder de despertar em mim o processo de aprendizagem autônoma.

A descoberta da leitura foi tão importante que buscava vivenciá-la em todos os momentos e lugares em que me encontrava. Eu saía com minha mãe de ônibus e ficava tentando ler as propagandas das ruas. Mas muitas vezes, quando o ônibus passava rápido não dava tempo de ler tudo, continuava tentando ler as propagandas seguintes e isso se repetia até chegarmos ao nosso destino.

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis. Ao contrario: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das praticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o individuo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 1998 p.47)

Nesse período em que eu fui alfabetizada, tive muita ajuda do meu pai que me presenteou com a cartilha do ABC, que se usava naquele tempo para alfabetizar as crianças. Eu gostava tanto dessa cartilha que queria responder tudo de uma só vez, e com a cartilha fui me aperfeiçoando no domínio da leitura e da escrita.

Também estudei com a Carta de Tabuada e com ela aprendi as quatro operações matemáticas. Na verdade a matemática sempre exerceu sobre mim um verdadeiro fascínio e, desde o começo, sempre foi a minha disciplina favorita. Eu estudava a tabuada e o meu pai me perguntava as respostas das somas, das multiplicações, eu ficava muito feliz quando acertava.

Segundo os (Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN) para a área de matemática no Ensino Fundamental (5^a à 8^a séries):

A atividade matemática escolar não é “olhar para coisas prontas e definitivas”, mas a construção e a apropriação de um conhecimento pelo aluno, que se servirá dele para compreender e transformar sua realidade. (BRASIL 1997, p. 19)

A minha mãe dificilmente me ajudava nas tarefas de casa. Na verdade, ela tinha dificuldade em me ajudar com os conteúdos. Além disso, ela estava sempre ocupada com as tarefas domésticas, e o meu pai cumpria muito bem este papel.

Em 1988 na terceira série, estudei com uma professora muito exigente. Ela escrevia muito no quadro verde com giz, depois passava as questões para a prova, ela explicava o conteúdo naquele momento e tínhamos que prestar a atenção porque ela não explicava uma segunda vez. Quando íamos tirar alguma dúvida ela falava que já tinha explicado e mandava que fossemos ler o conteúdo dado.

A “pedagogia tradicional” é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria. (BRASIL, 1997. p.39-40)

Ela tinha todo o controle da turma e ministrava bem as disciplinas, porém era pouco afetiva com os alunos, penso que essa falta de afetividade se dava pelo medo de que os alunos viessem a perder o respeito por ela, o que acabava prejudicando o resultado final de seu trabalho, pois o professor tem que interagir com os alunos com afeto para gerar a confiança e a aceitação

necessárias ao aprendizado, e para que aja um convívio harmonioso e prazeroso na sala de aula.

Na escola em que estudava, tradicionalmente, nas quintas-feiras, era cantado o Hino Nacional. Recordo-me sempre da fila que a professora organizava. Eram comuns as brigas nesta hora, pois todos queriam ficar na frente. Eram filas enormes que as turmas faziam. Aproveitávamos o momento para nos encontrar e nos divertir. Todos cantávamos o Hino Nacional, sem ter a real noção de sua importância, sabíamos, apenas, que era parte da rotina semanal, em todas as escolas da rede pública, que cumpriam uma determinação superior.

Hoje percebo que o erro consistia na realização mecânica desta atividade e não na realização da atividade em si mesma. O que faltava era um trabalho afetivo de conscientização social e política, respeitando os limites de compreensão dos alunos, mas permitindo uma melhor compreensão daquela prática cívica.

No meu estágio em gestão escolar eu tive o privilégio de resgatar minhas memórias em um projeto denominado de “hora cívica cidadã”, executado por um dos Professores da escola da rede pública de ensino, onde todas as quintas feiras incluíram na rotina da escola a execução do Hino Nacional Brasileiro e do Hino do Município de Natal. Com o objetivo de incentivar o patriotismo entre os alunos.

Hoje quando o Hino é cantado e a bandeira hasteada fico muito emocionada e tenho a sensação de poder voltar o passado e reviver aquelas experiências que me marcaram tão profundamente, desejando que esta prática volte a ser vivida por esta nova geração de alunos, agora, de forma mais contextualizada e pedagogicamente sistematizada.

Este segundo momento formativo, didaticamente assim dividido por mim neste trabalho, foi muito rico em minha experiência educacional. Mas outros importantes momentos ainda serão abordados em seguida.

4 ENSINO DE 1º GRAU: (5ª A 8ª Serie): UMA BATALHA, VARIAS CONQUISTAS.

Um fato marcante, em 1991 na quinta série foi que tive dificuldades para acompanhar as aulas em virtude da inserção de novas disciplinas e, também, porque elas passaram a ser ministradas por professores específicos, diferentemente das séries anteriores, em que havia a figura de um professor como responsável pela turma e que conduzia a maioria das disciplinas.

Entre essas disciplinas tive muita dificuldade em português. Na verdade nunca me saí muito bem nesta disciplina, mas sempre procurei estudar para não ter que ficar em recuperação. Naquele ano, meu esforço precisou ser ainda maior.

Os professores nos avaliavam através de trabalhos e provas escritas a cada bimestre, o que caracterizava a “avaliação somativa”⁴, praticamente não se aplicava uma “avaliação formativa”⁵ para se obter a média final dos alunos. Geralmente eles costumavam fazer uma prova e um trabalho por bimestre e nossa nota final na disciplina era obtida pela média aritmética simples das notas dessas duas atividades realizadas, isso com exceção das disciplinas em que, ao longo do ano, não apareciam professores para ministra-las. Nestes casos, no final do ano, era feito um único trabalho que buscava compensar os bimestres sem aula, para não ficarmos sem nota.

Neste ano tive, ainda, aula de Educação Física que também era uma disciplina obrigatória. Lembro-me que essas aulas se limitavam à corrida e ao jogo de queimada, atividades de que eu não gostava muito.

Para mim Educação Física eram exercícios físicos, não jogo; eu odiava correr naquela área quente. Ainda me empolgava com o jogo de queimada, mas o que eu gostava mesmo de fazer era correr em cima do muro junto com duas amigas de turma.

⁴ Avaliação com questões objetivas, as quais são atribuídas pontuações com a finalidade de somar esses resultados em relação a avaliação global do aluno ou aprendiz. Acessado em: 28/08/2015. Disponível em: <http://ead.infraero.gov.br/moodle/mod/glossary/view.php?id=18664>

⁵ Também chamada de avaliação para as aprendizagens, tem seu foco no processo ensino-aprendizagem. Alguns teóricos chegam a nomear essa modalidade de avaliação formativa diagnóstica. [Portal da Avaliação. CAEd/UFJF. Avaliação Formativa](http://portalavaliacao.caedufjf.net/pagina-exemplo/.../avaliacao-formativa/). Acessado em: 28/08/2015. Disponível em: www.portalavaliacao.caedufjf.net/pagina-exemplo/.../avaliacao-formativa/

Parafraseando Oliveira (2009) a aprendizagem é um sistema dinâmico de interações, pois é um processo humano, biológico, intelectual, emocional e social, todos se relacionam e nada acontece por si só.

Apenas na academia é que eu realmente aprendi, durante as aulas práticas ministradas nas disciplinas de Educação Física I e II, o que de fato é Educação Física. Aprendi que é algo além do corpo, é a busca pelo bem estar interior, é algo que nos remete a nossa vida pessoal e profissional, e nos faz refletir e poder transmitir aos alunos, de acordo com sua faixa etária, esta sensação de satisfação interior, uma certa autoestima, que faz aumentar sua capacidade intelectual estimulando o cognitivo e o corpo através do lúdico a assumir uma postura ativa na prática das atividades físicas, consciente da importância delas na vida do cidadão, como nos afirma os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL 1997)

Em 1993 na sexta série também foi uma série muito difícil, era como se fosse todas as séries juntas em uma só. Tive muitas dificuldades, principalmente em matemática que era a disciplina de que mais gostava. Mas, na disciplina de História minha dificuldade foi ainda maior, tanto que acabei sendo reprovada o que nunca consegui esquecer, pois me marcou profundamente. Refletindo hoje, penso que a professora foi muito rigorosa na avaliação e o fato de ter sido reprovada por questões de décimos me deixou angustiada.

Essa reprovação que sofri, serviu-me como uma lição para ter mais atenção e dedicação aos meus estudos. Tanto foi assim que conclui a sexta, a sétima e a oitava series sempre com notas muito boas.

Recebi um conselho de uma pessoa mais velha, que dizia ser de boa prática, estudar e tirar boas notas sempre nos primeiros bimestres em que os conteúdos são, em geral, mais fáceis, para poder alcançar uma nota melhor que, caso seja necessário, venha a compensar uma nota mais baixa obtida no quarto bimestre, em que, normalmente, as provas são mais difíceis. Segui essa estratégia e, a partir de então, não tive mais dificuldades.

Recordo-me que no período de provas eu pegava o meu caderno para estudar e lia até decorar os conteúdos. Ficava muito ansiosa, porque temia tirar nota baixa e não poder alcançar a media do bimestre. Diferente de hoje que a avaliação é continua e o aluno é avaliado em todos os aspectos possíveis da

sua aprendizagem, na época e no espaço educacional em que estudava, a avaliação era descontinuada, presa aos conteúdos (avaliação somativa), que muitas vezes eram passados de forma descontextualizada e por professores que não apresentavam as competências necessárias para ministra-los.

Segundo Moretto (2008) as competências são capacidades de um sujeito mobilizar recursos visando abordar e resolver situações complexas, que se apresentam no seu dia a dia. No caso particular do professor, são as capacidades de mobilizar e resolver situações complexas que surgem nas relações que ele estabelece com seus alunos, ou nos conteúdos escolares que ele precisa tratar em aula ou, ainda, em outros momentos de sua vida profissional. Na experiência do aluno, competências são capacidades em que ele precisa mobilizar recursos visando abordar e resolver situações complexas relacionadas a sua aprendizagem.

O aluno pode desenvolver habilidade para saber fazer, mas isso não garante que ele desenvolveu as competências necessárias. Estas se mostrarão presentes em sua ação se, além de fazer, ele sabe o que está fazendo (domina os conteúdos conceituais relativos à situação), e faz cada vez melhor e com perfeita compreensão de sua ação. Cabe ao professor perceber se o aluno está desenvolvendo estas competências e não somente demonstrando habilidade em sua ação.

Lembro-me da disciplina de matemática, em que o professor enchia o quadro de cálculos, e copiávamos todos aqueles números sem saber o que fazer. Mas, logo em seguida ele explicava de uma forma tão clara que, mesmo diante daquelas fórmulas que tínhamos que decorar, eu conseguia entender e aprender, ou seja, eu conseguia adquirir as competências necessárias ao fazer.

Por essa disciplina de matemática ser uma das minhas preferidas, eu me dedicava ainda mais. Embora eu fosse muito tímida, buscava vencer minha timidez para fazer perguntas ao professor sobre o conteúdo dado e poder, então entender melhor as questões.

Professor era muito sério, ele tinha seu jeito de intimidar os alunos só pelo olhar. Nós ficávamos na sala o aguardando, quando ele saía da sala dos professores, que era ao lado da secretaria, alguém gritava. “La vem o

professor”, a turma toda sentava e ficava em silêncio esperando ele entrar na sala.

Hoje entendo que era um respeito que tínhamos por ele, diferente dos outros professores, aos quais não dispensávamos esse mesmo respeito. Não era pelo fato de os outros professores não serem tão exigente quanto o Professor, mas sim por que eles não eram tão competentes como professores. Era da competência do Professor que vinha o respeito que tínhamos por ele.

Vencida esta batalha coletiva, concluí a oitava série, encerrando mais uma etapa de minha formação.

Esta etapa foi marcada por grandes desafios, a também por importantes vitórias, que não foram as últimas, vieram outras depois, mas isso já faz parte do próximo seguimento.

5 ENSINO MÉDIO: EM BUSCA DA MATURIDADE

No ano de 1996, cheguei ao tão sonhado Ensino Médio, mas não tive muito que comemorar. Logo no primeiro ano acabei sendo reprovada. Penso que isso se deu, porque fui para outra escola, por causa da falta de professores na escola em que estudei nos anos anteriores. Assim, buscando melhores condições de estudo, novas amizades, professores diferentes e um ensino de melhor qualidade e que suprisse as deficiências que vinham se acumulando na minha formação, especialmente pela falta de algumas disciplinas da grade curricular, fiz esta opção. Mas essa mudança foi muito radical. Toda a minha vivência educacional, até então, havia ocorrido em uma mesma escola. Ali vivi minhas experiências desde a Educação infantil e a ruptura dos laços afetivos que me prendiam aquela comunidade trouxeram-me muitos prejuízos.

Além disso, a distância, associada à minha primeira gravidez, acabou me atrapalhando, exigindo que me afastasse da escola, já que não tinha quem pegasse os meus trabalhos e não podia retornar à escola porque estava amamentando e as responsabilidades, advindas da maternidade, traziam-me dificuldades de deslocamento, especialmente em ônibus lotados, como eram as condições dos meios de transporte disponíveis.

Tentei retornar para a minha escola de origem, de onde eu nunca deveria ter saído, mas, infelizmente, por já estar no final do ano, a diretora não me recebeu. Saí com a promessa de me matricular no ano seguinte, e foi o que fiz.

Assim, em 1997, estava de volta para estudar e concluir o Ensino Médio, embora a escola ainda apresentasse dificuldades, porque os problemas persistiam, especialmente a falta de professores para algumas disciplinas. A promessa recorrente era de que antes do final do ano chegariam esses professores, mas, na prática, acabávamos fazendo trabalhos para recuperar as notas dos bimestres passados, essa era a solução que sempre nos apresentavam.

Eu gostaria muito de ter feito o Magistério, mas infelizmente tive que fazer o Ensino Médio que era o curso disponível naquela escola. Penso que se naquela época eu tivesse tido a oportunidade de ter feito o Magistério, eu teria despertado mais cedo minha vocação profissional para a docência.

6 EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS: NOVAS DESCOBERTAS.

Com o aumento dos compromissos financeiros da família, precisei trabalhar, dividindo meu tempo entre o trabalho, a escola e minha filha. Nesse período eu não tinha me decidido profissionalmente, não sabia realmente o que eu queria fazer. Trabalhei em várias profissões, como: cobradora de alternativo, cobradora de ônibus, balconista, pizzaiola, operadora de rádio taxi, trabalhos externos na rua para eleição, prestava consultoria a uma empresa de cosméticos e por causa dos horários e, também das oportunidades e das diversidades, eu não tinha nenhuma decisão definida.

Só no ano de 2005, a minha irmã que é professora me incentivou a buscar uma experiência na área da educação. Eu nunca tinha pensado que eu pudesse ser uma professora, mas com o apoio dela (minha irmã) eu comecei a planejar as aulas. Foi a partir daí que veio a descoberta e o amor pela profissão. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE. 1996, p. 12).

O professor hoje, é aquele que ensina o aluno a aprender e a ensinar, a outro o que aprendeu. Elemento incentivador, orientador da aprendizagem.

Minha primeira experiência foi incrível. Foi com uma turma de alfabetização de jovens e adultos. Eu tinha 16 alunos e parecia que já era professora há muito tempo. Logo no primeiro dia, quando entrei em sala, senti-me muito à vontade. Pude trocar experiências com eles, e a cada descoberta compartilhada ficava radiante e imensamente gratificada, algo inexplicável. “Saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (FREIRE 1996, p. 28)

Daí por diante, eu não quis fazer outra coisa na vida. Não me imaginava mais em outra profissão que não fosse a de professora. A satisfação em poder fazer algo pelo próximo, ajudando-o em sua formação me completava, e foi com esta motivação que iniciei minhas atividades profissionais na mais bela de todas as carreiras, a do Magistério. Esta experiência teve início em 2005, indo até 2012. Mas no ano de 2010, através do programa “Brasil Alfabetizado”, surgiu a oportunidade de fazer o tão sonhado curso de pedagogia, não pensei duas vezes e me matriculei, fiz a prova e, ansiosamente, aguardei o resultado. Foi tanta ansiedade que nem vi o meu nome na lista dos candidatos

classificados. Mas no dia do meu aniversário eu acordei com um telefonema me informando que o prazo para as inscrições era até aquela data. Que alegria que senti naquele momento, não tinha presente melhor que eu poderia ganhar. Feita a matrícula, a ansiedade passou a ser a do início das aulas.

Me organizei, comprei todo o meu material escolar, e contei para todos que eu ia fazer um curso superior em pedagogia. Já haviam passado onze anos desde a conclusão do ensino médio, portanto seria uma nova jornada, para mim seria um novo recomeço, com tudo novo, o que realmente se confirmou. Tudo se fez novo durante minha formação no Curso de Pedagogia – Licenciatura, realizado no Instituto Superior de Educação Presidente Kennedy-IFESP.

7 FORMAÇÃO ACADEMICA: O DESAFIO DO ENSINO SUPERIOR

Finalmente, chegou o primeiro dia de aula no IFESP; dia 8 de fevereiro de 2011, nunca esqueci essa data. Fomos todos para o auditório Nísia Floresta, onde a equipe pedagógica, a coordenação e a direção do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP, juntamente com as turmas já existentes nos receberam calorosamente, com boas vindas à instituição. Logo depois fomos conhecer a nossa sala de aula.

A minha primeira disciplina foi filosofia, disciplina que hoje está inserida na grade curricular do Ensino Médio. Eu não tive a oportunidade de vivenciar, por não fazer parte da grade curricular do curso médio que fiz. Mas, hoje, sei sua importância, o porquê de tantos textos, filósofos e teóricos, que são pessoas e histórias que vamos levar para toda a nossa vida como referências. O professor se apresentou e fez uma dinâmica de apresentação com a turma, logo pude conhecer a todos pouco a pouco, e fui ganhando afinidade com alguns dos colegas de turma, que logo se tornaram grandes amigos.

Eu passei onze anos fora da escola como estudante, quando retornei às aulas como aluna acadêmica, confesso que senti muitas dificuldades. Eram muitas as leituras com base em teóricos da área de pedagogia. Sentia-me perdida nos seminários, nas atividades com multimídia, quando precisava elaborar slides para as apresentações de trabalhos. Fazer fichamentos de textos, resumos de livros, resenha, e outras tantas técnicas de aprendizado e assimilação de conteúdo que agregaram-se ao meu cotidiano, e hoje fazem parte da minha vida, eram tarefas muito difíceis para mim naqueles anos iniciais de minha formação.

Foi tudo novo, saí do ensino tradicional para ensino moderno, era como se eu nunca tivesse ido à escola, tive que me adaptar à nova realidade, aos novos métodos pedagógicos de um ensino estimulador e desafiador com professores comprometidos com o aprender e o ensinar. O avanço tecnológico ajudou a aperfeiçoar o desenvolvimento do professor, possibilitando a busca de novos conhecimentos.

As disciplinas no início eram muito teóricas, mas após alguns períodos, saímos para algumas aulas passeio, eu pude conhecer a realidade das escolas e as riquezas que temos em nosso estado. Eu não via a hora de iniciar a

prática. Mas quando começou foi muito tenso, porque não foi aquilo que eu esperava, tivemos seminário e alguns trabalhos preparatórios para o período que se seguiu, mas penso que não foram suficientes para nos preparar convenientemente para esta etapa, a dos Estágios Curriculares Supervisionados.

O IFESP propõe quatro etapas de Estágio Curricular Supervisionado. O primeiro no Ensino Infantil, o segundo no Ensino Fundamental, o terceiro no Ensino Médio e o quarto em uma instituição não educacional. Em cada uma dessas etapas experimentamos três fases: a fase da Inserção Escolar, para nos orientarmos quanto à instituição que nos recebe; a fase da observação, para entendermos como a professora de aula trabalha e identificarmos potenciais necessidades, a fim de ajudarmos com nossa proposta de intervenção; e a fase da docência que se caracteriza pela intervenção pedagógica que oferecemos.

Mas, para mim, ficou faltando algo para iniciarmos esta tão importante disciplina do curso. Penso que foi um melhor planejamento, para atuarmos na educação infantil, mesmo assim iniciamos a primeira etapa (Educação Infantil), realizada em dupla. Eu e minha colega fomos encaminhadas para o CMEI Professora Maria de Fatima Medeiros de Araújo, onde iniciamos a observação do nosso primeiro estágio. Na sequência teve uma greve de duas semanas e quando retornamos fomos imediatamente encaminhados para a fase de observação e, em seguida, de docência, sem orientação nenhuma de planejamento. Eu adquiro um estresse precisei ir até para o médico. Foi uma experiência realmente traumática, mas que foi superada.

Com esse estágio cresci muito. Aprendi a ir além do que pensava ser possível. Pude adquirir experiência e aprendi que somos capazes de realizar o que nos propormos, e que sempre existirão obstáculos, mas eles existem para serem vencidos. Quando cumprimos nossas tarefas com amor, adquirimos conhecimentos, e não damos espaços para o fracasso.

Os estágios seguintes foram bem mais tranquilo, tivemos orientações e um roteiro bem elaborado, pude aprender muito na prática com essas vivências onde conseguimos concluir todos os demais estágios com sucesso. Nesse período da faculdade, eu fiz um estágio remunerado como Professora Auxiliar de crianças com necessidades especiais pela (SME) Secretaria Municipal de

Educação, no período de dois anos, numa escola da rede pública. Nessa mesma escola tive a oportunidade de realizar dois outros estágios obrigatórios do curso, o de Educação Fundamental e Gestão Escolar.

No Estágio de Gestão Escolar, eu tinha que montar um Plano de ação de acordo com a necessidade da escola; nas observações eu pude ver que a escola não tinha biblioteca. E elaboramos um projeto para organizar uma biblioteca nesta escola, e encontramos um espaço onde esse projeto foi montado e com a ajuda da Diretora da Escola que sempre me incentivou, esse projeto foi executado.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, artigo 58, a educação especial é definida como “modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”. (BRASIL, 1996).

Ainda, nessa mesma escola como professora auxiliar de crianças com necessidades especiais. No primeiro ano o meu aluno era uma criança com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade⁶, no ano seguinte o meu aluno era autista, eu, juntamente com a professora titular da sala procurava desenvolver atividades diferenciadas para essas crianças de acordo com as suas necessidades, eu era responsável por eles e me sentia na obrigação de ajudá-los.

Paralelamente à minha atividade principal como professora auxiliar, desenvolvia outras tarefas pedagógicas dentro da escola, como em um projeto de alfabetização no qual eu e mais três estagiárias participávamos, nós alfabetizávamos alunos que estavam nas séries iniciais, mas que não conseguiam acompanhar as aulas no tempo normal, nem sequer conseguiam fazer seu próprio nome. O nosso objetivo era fazer com que esses alunos pudessem avançar e acompanhar os demais colegas de sala no aprendizado

⁶ O **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH**, semelhante ao **Transtorno Hiperativo** na CID-10) é um transtorno mental do neurodesenvolvimento no qual se verificam diversos problemas significativos de atenção, hiperatividade ou impulsividade que não são apropriados para a idade da pessoa. O diagnóstico requer que os sintomas tenham início entre os seis e doze anos de idade e que persistam por mais de seis meses. Nas crianças em idade escolar, aparecem os sintomas de déficit de atenção Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Transtorno_do_d%C3%A9ficit_de_aten%C3%A7%C3%A3o_com_hiperatividade.

dos conteúdos ministrados. Também, na eventual ausência de professores na escola eu os substituí, independente de que nível fosse a turma. Tinha um ótimo relacionamento com toda a comunidade escolar, o que facilitava muito meu trabalho. Em cada sala que eu ia dar aula, era uma satisfação imensa para mim, porque era uma oportunidade de colocar em prática toda a teoria que estava aprendendo na academia.

A maioria desses alunos eram de outra comunidade, a mesma que eu morava, tinha um ônibus que nos transportava. As mães dos alunos tinham muita preocupação de deixá-los irem só e o fato de eu ir com eles no mesmo ônibus trazia muito conforto para essas mães.

Foi uma experiência muito prazerosa que vivenciei nesse tempo, e que me ajudou na vida profissional. Vivenciá-la me fez recordar de uma disciplina optativa: Educação Especial. Os conceitos, teorias e metodologias ali aprendidos me ajudaram a lidar com crianças portadoras de necessidades especiais e a superar muitas dificuldades de minha prática pedagógica com aqueles alunos.

A outra disciplina era a Psicologia do Desenvolvimento, com essa disciplina eu pude conhecer as fases do desenvolvimento das crianças, a multideterminação do homem. Ambas as disciplinas foram ministradas pela mesma professora. A dedicação e perfeição com que essa professora dava a aula eram notáveis. Receber suas exposições dialogadas representava um momento muito prazeroso para ela e para nós que estávamos ali na condição de “aprendentes”, de tal forma que quando ela começava a explicar o assunto, olhando no olho de cada um de nós, ficávamos todos atento, a aula, era tão gostosa de um jeito que, perdíamos a noção do tempo.

Em especial ela me marcou muito, não desmerecendo os outros professores, que são profissionais muito competentes, e que muito contribuíram em minha formação com diferentes formas de ensinar e conquistar seus alunos. Com cada professor do IFESP, em cada disciplina ministrada, eu pude aprender o valor dessa profissão que escolhi, adquirindo um novo olhar sobre a minha vida profissional.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo este trabalho afirmando que apesar das dificuldades encontradas e por mais complicada que tenha sido minha caminhada estudantil, pude perceber, com clareza, que é fundamental que haja um efetivo trabalho de planejamento para a realização das ações no âmbito da escola. Não me refiro apenas ao planejamento do professor para o exercício de sua atividade docente, mas um planejamento amplo em todas as áreas de atuação e de ação realizadas na escola. Percebo este como um problema recorrente. As escolas funcionam no automático, os professores funcionam no automático, então os alunos também funcionam no automático. Todos robotizados, executando ações descontextualizadas da realidade e das necessidades formativas.

Minha experiência de formação no IFESP me fez ver a importância de uma ação consciente, pensada e elaborada para atender as reais necessidades dos alunos. As experiências vivenciadas no decorrer deste curso serviram como suporte para melhorias na minha prática pedagógica. Vale lembrar ao coletivo de professores que a troca de experiência, a diversidade e a heterogeneidade trazem riqueza para todos. Pois um trabalho dessa ordem engrandece-nos.

Este trabalho serviu-me para refletir sobre o meu papel de educadora, e tenho certeza da importância que minha contribuição pode oferecer para a educação, a partir das descobertas que fiz ao longo de minha formação.

Neste sentido é essencial lembrar um dos paradigmas do desenvolvimento humano: aquilo que uma pessoa se torna ao longo da vida depende fundamentalmente de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez. Somos frutos das oportunidades que tivemos ao longo da vida e das escolhas que estamos fazendo no decorrer dela. E essas escolhas são fatores determinantes em nossa trajetória pessoal.

Foi muito bom ter escolhido passar este tempo de formação no Curso de Pedagogia – Licenciatura, junto com todos os que formam esta amada instituição de ensino superior.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Art. 22.

BRASIL/MEC, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 1997.

BRASIL/MEC, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília 1997.

BRASIL/MEC, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física*. Brasília. 1997.

BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96*. Brasília: 1996. Art. 58.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1996.

FEIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. Editora Olho d'Água. São Paulo. 1997.

FONTANA, Roseli e CRUZ, Maria Nazaré. *O papel da brincadeira no desenvolvimento da criança*. In: ____ *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo: Atual, 1997.

GRANDES PENSADORES. Johann Heinrich Pestalozzi o teórico que incorporou o afeto à sala de aula. In: *Revista Nova Escola*, São Paulo n. 19, jul., p.41-43, 2008. Edição Especial – Compilação v. 1 e 2 dos Grandes Pensadores.

KISHIMOTO. M. Tizuco. *Brinquedos e brincadeiras na Educação infantil*. In: ____ *Primeiro Seminário Nacional Currículo em Movimento: Perspectivas atuais*. Nov, 2010, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2010. CD-ROM.

MORETTO, V. P. *Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. *Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Zelma de Moraes Ramos. *O Currículo na Educação Infantil: o que propõe as novas diretrizes nacionais*. In: *Primeiro Seminário em Movimento: perspectivas atuais*. Nov. 2010, p. 13. UFMG, CD-ROM.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

